



# A RELEVÂNCIA DE ASPECTOS FORMAIS E FUNCIONAIS EM FENÔMENOS VARIÁVEIS RELACIONADOS À PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NO PORTUGUÊS DO BRASIL E DE PORTUGAL

## FORMAL AND FUNCTIONAL ASPECTS IN VARIABLE PHENOMENA RELATED TO THE FIRST PERSON PLURAL IN PORTUGUESE OF PORTUGAL AND BRAZIL

Cássio Florêncio Rubio\*

### RESUMO

Este trabalho busca apresentar análise dos fenômenos de alternância pronominal entre nós e a gente e de concordância verbal de primeira pessoa do plural em variedades do português do Brasil e de Portugal, estabelecendo um quadro comparativo entre os fatores linguísticos de natureza formal e de natureza funcional. O embasamento teórico da pesquisa se dá, primordialmente, com base nos pressupostos da Sociolinguística Laboviana (LABOV, 2003) e do Sociofuncionalismo (CEZARIO, MARQUES E ABRAÇADO, 2016, dentre outros). O corpus empregado é composto de 152 entrevistas sociolinguísticas provenientes do Corpus de Referência do Português Contemporâneo (BACELAR DO NASCIMENTO, 2000), do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa; e do Banco de Dados Iboruna (GONÇALVES, 2007), do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto, da Universidade Estadual Paulista. Os resultados apontam que, nos fenômenos investigados, há diferentes motivações internas para a variação linguística, com a atuação de fatores de natureza formal, como paralelismo discursivo e saliência fônica, e de natureza funcional, como determinação do sujeito. A relevância maior ou menor dos grupos de fatores das diferentes naturezas irá depender da variedade linguística e também do fenômeno investigado.

**Palavras-chave:** Primeira pessoa do plural. Variação linguística. Formal. Funcional.

### ABSTRACT

This work aims to present an analysis of the phenomena of pronominal alternation between nós and a gente e and of first person plural verbal agreement in Brazil and Portugal Portuguese varieties, establishing a comparative framework between linguistic factors of formal nature and nature functional. The theoretical basis of the research is based primarily on the assumptions of Labovian Sociolinguistics (LABOV, 2006) and Sociofunctionalism (CEZARIO, MARQUES AND ABRAÇADO, 2016, among others). The corpus employed is composed of 152 sociolinguistic interviews from the Portuguese Contemporary Reference Corpus (BACELAR DO NASCIMENTO, 2000), the Linguistics Center of the University of Lisbon, and the Iboruna Database (GONÇALVES, 2007), the Biosciences, Literature and Exact Sciences Institute of São José do Rio Preto, State University of São Paulo. The results show that, in the investigated phenomena, there are different internal motivations for linguistic variation, with the performance of factors of a formal nature, such as discursive parallelism and phonemic salience, and of a functional nature, such as the determination of the subject. The greater or lesser relevance of the groups of factors of different natures will depend on the linguistic variety and also on the phenomenon investigated.

\*Professor Adjunto IV do Instituto de Linguagens e Literaturas e do Mestrado em Estudos da Linguagem da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), e-mail: [cassiorubio@unilab.edu.br](mailto:cassiorubio@unilab.edu.br) <https://orcid.org/0000-0002-6986-1381>

**Keywords:** First person plural. Linguistic variation. Formal. Functional.

## INTRODUÇÃO

A análise sociolinguística orienta-se para a busca de variações sistemáticas, inerentes tanto ao objeto de estudo quanto à comunidade de fala, ou seja, a variação não é caótica e pode ser analisada e sistematizada (TARALLO, 1991). Atribui-se à variação um caráter sistêmico e controlado e cabe ao pesquisador entender, descrever e explicar essa sistematicidade, depreendendo os padrões que a governam.

O reconhecimento da mudança linguística precede o advento da sociolinguística, entretanto é somente após o seu surgimento que se inicia a compreensão dos estágios intermediários entre o momento anterior e posterior a essa mudança e a captação de sua instalação gradativa e contínua, ou mesmo a concorrência e co-ocorrência das variantes num mesmo recorte do tempo, as quais passam a ser sistematicamente observadas.

O exame da gradualidade de mudanças em curso de implementação e a contextualização social e estrutural poderão fornecer hipóteses que expliquem os estágios intermediários (PAIVA; DUARTE, 2006, p. 139). A utilização de uma análise pautada sobre a regra variável permite ao analista extrair as regularidades e tendências dos dados e, por meio dela, determinar como a seleção de certas estruturas linguísticas é influenciada pelas configurações específicas de fatores que caracterizam o contexto em que elas ocorrem.

A compreensão dos processos de mudança não é simples, porque a instalação de uma nova variante envolve questões cruciais como: os fatores condicionantes, a transição, o encaixamento, a implementação e a avaliação, questões inter-relacionadas que irão fornecer uma visão integrada da mudança (PAIVA; DUARTE, 2006, p. 140).

Especificamente em relação aos **fatores condicionantes**, é necessário, para uma teoria da mudança, determinar o conjunto de mudanças possíveis e condições possíveis para a mudança. Observa-se que, nem sempre, todos os fatores linguísticos e sociais são observados em um estudo. É necessário ao pesquisador procurar abarcar todos os condicionantes possíveis para as mudanças no sistema (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 121). Esses condicionantes podem ser de diferentes naturezas, internas ou externas à língua, como veremos mais adiante.

## 1. A ABORDAGEM SOCIOFUNCIONALISTA

A abordagem Sociofuncionalista, que tem como base os pressupostos da Sociolinguística variacionista e do Funcionalismo norte-americano, e, ainda, da Linguística Funcional Centrada no Uso, considera a influência de fatores estruturais, sociais e funcionais nos fenômenos de variação linguística (CEZARIO, MARQUES E ABRAÇADO, 2016).

Os pesquisadores filiados ao Sociofuncionalismo vão associar a metodologia variacionista, com a consideração de meios estatísticos para análise dos dados coletados, à observação não somente dos fatores estruturais e sociais, mas também dos fatores de cunho funcionalista, como, por exemplo, informatividade, planos discursivos, iconicidade e marcação, para a explicação da variação ou mudança linguística.

Dentre os diversos fenômenos já estudados pelo Sociofuncionalismo estão a alternância pronominal (doravante, AP) entre *nós* e *a gente* no português e a concordância verbal (doravante, CV). Conforme apontam Cezario, Marques e Abraçado (2016, p. 51), especificamente para a concordância verbal, é possível analisar conjuntamente fatores de ordem estrutural, como “tamanho do sujeito”; de ordem social, como grau de escolaridade; e, ainda, de ordem funcional, como “grau de novidade” dos sujeitos, ou seja, se sujeitos que veiculam informação nova tendem ou não a aparecer na posição pós-verbal, o que, comprovadamente, contribui para menores frequências de concordância verbal.

A abordagem Sociofuncionalista, dessa forma, com base na premissa de que a estrutura linguística deve ser analisada em seu contexto real de uso, busca comprovar as hipóteses com base na observação e análise de dados reais, com a consideração de um *corpus* organizado segundo os parâmetros da Sociolinguística variacionista. São considerados nesta análise fatores de ordem estrutural, pragmático-discursiva, cognitiva ou social e sua possível inter-relação e relevância no fenômeno variável em estudo (CEZARIO, MARQUES E ABRAÇADO, 2016).

## 2. FENÔMENOS VARIÁVEIS RELACIONADOS À PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL

No português brasileiro, já está mais do que provado que a CV de primeira pessoa do plural (doravante, 1PP) e de terceira pessoa do plural (doravante, 3PP) constituem-se fenômenos variáveis. Normalmente as pesquisas sobre o tema se concentram mais na investigação da 3PP do que da 1PP.

A alternância entre *nós* e *a gente* também já foi atestada no português brasileiro por diversos autores, dentre os quais, destacamos Omena (1986, 1996, 2003), para o dialeto carioca; Lopes (1998, 1999), para a fala culta do Rio de Janeiro, Porto Alegre e Salvador; e Zilles (2004, 2005, 2007), que tratou da gramaticalização e da avaliação social da forma *a gente* na fala e na escrita de diferentes variedades do território brasileiro.

A concordância com a forma pronominal *a gente*, apesar de pouco investigada, já se revela fenômeno variável, segundo estudo qualitativo de Costa *et al.* (2001), na comparação entre português brasileiro e europeu, e de Pereira (2003), sobre concordância nominal entre predicativos e *a gente* em posição de sujeito.

Entre linguistas e filólogos contemporâneos da língua portuguesa, não é tão consensual a classificação estrutural da forma *a gente*. Perini (2010) destaca que:

itens comumente analisados como pronomes pessoais... se comportam como nominais comuns, e não precisam ser estudados separadamente: *o senhor, a senhora, a gente*. Seriam ‘pronomes pessoais’ no sentido de que se referem ao locutor; mas gramaticalmente não diferem dos outros SNs. (PERINI, 2010, p. 115).

Para o autor, há uma distinção entre o item *a gente* e os pronomes pessoais, o que faz com que ele esteja mais próximo dos “outros SNs”. Para Neves (2000, p. 470), contudo, *a gente* pode ocorrer como pronome pessoal para referência à 1PP ou para referência genérica a todas as pessoas do discurso, funcionando como forma de indeterminação do sujeito. Embora outros sintagmas nominais (*o pessoal, o cara, o cidadão*) sejam empregados com mesma função na linguagem coloquial, “seu estatuto não tem identificação com a classe dos pronomes pessoais como o sintagma A GENTE tem”.

Hopper (1991), pelo *princípio da estratificação*, afirma que novas “camadas” emergem em um domínio funcional, sem que formas antigas sejam substituídas imediatamente, proporcionando coexistência de camadas novas e antigas no mesmo domínio, que codificam funções semelhantes ou idênticas e compõem diferentes variantes. É o que mostram Omena; Braga (1996) sobre a gramaticalização da forma *a gente*, que passa a coexistir com *nós*, deixando, gramaticalmente, de ser forma substantiva para integrar o sistema de pronomes pessoais, constituindo assim claro caso de gramaticalização, captado pela estratificação, como postula Hopper (1991).

Alguns trabalhos sobre o português europeu dão conta não somente da co-ocorrência verificada entre os pronomes pessoais *nós* e *a gente*, mas também da relação do pronome *a gente* com o verbo que lhe segue (LÓPES, 1999; COSTA, 2000; PEREIRA, 2003; dentre outros).

Naro, Görski e Fernandes (1999) resumem os fenômenos de AP e de variação na CV de 1PP no português brasileiro da seguinte forma:

Em português padrão o sujeito de primeira pessoa do plural é *nós* e sua forma verbal correspondente é feita com a flexão gramatical *-mos*. Um exemplo típico é *nós falamos*. Entretanto, há uma alternativa para o sujeito pronominal de primeira pessoa do plural: *a gente*, que deriva de um sintagma nominal com a mesma forma e significa *as pessoas*. Na linguagem padrão o verbo usado com *a gente* recebe desinência de terceira pessoa do singular, com terminação zero. Um típico exemplo é *a gente fala*. Conquanto, o uso do pronome sujeito, com certa frequência, não é obrigatório, e, na linguagem informal, a desinência *-mos* é omitida com *nós* e usada com *a gente*, a despeito do papel categorial e ao contrário do padrão. As formas *nós falamos* e *a gente fala* são padrão; *nós fala* e *a gente falamos* são não-padrão. (NARO; GÖRSKI; FERNANDES, 1999, p. 201, tradução nossa)

### 3. FATORES LINGÜÍSTICOS FORMAIS E FUNCIONAIS RELACIONADOS À PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL

Apresentamos, a seguir, os grupos de fatores de natureza formal e funcional considerados na análise dos fenômenos relacionados à AP e CV de 1PP. Primeiramente, são apresentados os fatores de natureza funcional: *grau de determinação do referente sujeito* e *tempo e modo verbal*; na sequência, os fatores de natureza formal: *saliência fônica*, *preenchimento do sujeito* e *paralelismo formal de nível discursivo*.

#### 3.1. GRAU DE DETERMINAÇÃO DO REFERENTE SUJEITO

Ao analisarmos a variação entre as formas *nós* e *a gente*, verificamos a AP na representação da 1PP em posição de sujeito sentencial. Na análise da CV variável, a observação recai sobre a ocorrência de formas verbais com desinência de 1PP ou de 3PS, que pode ocorrer junto às duas formas pronominais, *nós* e *a gente*.

Segundo Buescu (1961, *apud* PEREIRA, 2003), o pronome pessoal *nós* possui maior concretude, ou seja, normalmente é usado para referir-se a um número mais completo ou determinado de pessoas. O pronome pessoal *a gente* é usado para delimitar categorias, isto é, para se referir a um número não limitado. Diversos trabalhos apontaram o *grau de determinação do referente* como importante fator na alternância das formas pronominais *nós* e *a gente* em posição de sujeito (OMENA, 1986; LOPES, 1999; VIANNA, 2006).

Além disso, há menção da influência do grau de determinação do sujeito também sobre a CV de 1PP (com os pronomes *nós* e *a gente*) (OMENA, 1996), o que nos leva à consideração dessa variável para os três fenômenos, motivados pela hipótese de que referentes mais específicos e definidos, nos quais o falante nitidamente se inclui, influenciariam a aplicação da desinência de 1PP, independentemente da forma do sujeito pronominal.

Com base nas hipóteses acima e nos trabalhos de Omena (1986), Lopes (1999) e Vianna (2006), propomos o controle do *grau de determinação do referente sujeito* conforme segue:

- i) *referência genérica e indefinida*: quando o pronome remete a uma categoria generalizada e indeterminada de indivíduos, geralmente com referência a pessoas ou a grupos (1.a) e (1.b).
- ii) *referência genérica e definida*: quando o pronome remete a uma categoria generalizada, mas determinada de indivíduos. Nesse contexto, fica claro que o falante tem consciência de determinado grupo de indivíduos, no qual ele próprio está incluso, por exemplo, as pessoas do trabalho, do futebol, da família, do bairro (1.c) (1.d).
- iii) *referência específica e definida*: quando o pronome remete a uma categoria específica e determinada de indivíduos, em que o falante se inclui junto a outro referente também específico. A recuperação do referente é feita com exatidão no contexto evidenciado em períodos posteriores ou anteriores (1.e) e (1.f).

- |       |   |               |
|-------|---|---------------|
| (1.a) | <i>a gente</i> tem que se preocupá(r) SIM com o meio ambiente... não desmatá(r)                 | [BDI-051-550] |
| (1.b) | <i>nós</i> aqui nas cidades apreciamos uma coisa: qualquer... por exemplo...                    | [CRPC-91-17]  |
| (1.c) | então tem um secante de cobalto... que <i>a gente</i> utiliza lá no serviço                     | [BDI-086-380] |
| (1.d) | a sardinha é o peixe com que <i>nós</i> trabalhamos cá mais                                     | [CRPC-147-29] |
| (1.e) | quando <i>a gente</i> lá foi e vimos então que o homem tinha a rede na... na hélice             | [CRPC-1293-3] |
| (1.f) | à noite, <i>nós</i> comemos, todos três, vamos dar uma volta no carro e depois vimos para casa. | [CRPC-22-7]   |

### 3.2. TEMPO E MODO VERBAL

Vários são os estudos que investigam a influência da expressão modo-temporal do verbo no emprego das formas *nós* e *a gente* e do tipo de CV que elas desencadeiam. Segundo Fernandes; Görski (1986), em relação à CV, a desinência *-mos* de 1PP vem adquirindo função de morfema de Pretérito, em oposição ao morfema  $\emptyset$  de Presente, o que leva à expectativa de que o pronome *nós* tenha seu uso mais vinculado a verbos no Pretérito enquanto *a gente*, a verbos no Presente. Omena (1986) e Lopes (1998) mostram que Pretérito Imperfeito, Presente e formas nominais tendem a favorecer o uso de *a gente*, enquanto Futuro e Pretérito Perfeito, o uso de *nós*. A forma *a gente* estaria relacionada a tempos menos definidos, como o Presente (que pode expressar ação presente, futura, tempo indefinido, atemporalidade e habitualidade) e o Pretérito Imperfeito, que denota ação passada inconclusa. Tempos verbais de valores mais definidos, como o Pretérito Perfeito (que denota ação passada conclusa), estariam mais ligados ao emprego do pronome *nós* (VIANNA, 2006).

Em relação à CV de 1PP do discurso e ao emprego dos pronomes *nós* e *a gente*, Naro, Görski e Fernandes (1999) comprovaram, em estudo de quatro diferentes gerações de falantes do Rio de Janeiro, que formas de Pretérito relacionadas aos sujeitos pronominais *nós* e *a gente* tendem a apresentar com maior frequência desinências de 1PP do que formas no Presente. Os autores constataram ainda que, para os falantes de maior idade, a saliência fônica verbal é a principal variável de influência no emprego de formas verbais de 1PP e 3PS junto dos pronomes *nós* e *a gente*, com formas mais salientes favorecendo o emprego da desinência *-mos*. Por outro lado, dentre os falantes mais jovens, o fator linguístico *tempo verbal* foi determinante no emprego das desinências verbais, com o Pretérito favorecendo a desinência *-mos* junto de ambos os pronomes. Esses resultados levaram os pesquisadores a concluir que a mudança ocorreu apenas em relação ao principal fator responsável pelo processo de variação na CV de 1PP, da saliência fônica para o tempo verbal, já que não houve mudança no fenômeno variável de concordância de 1PP (conclusão expressa no próprio título do trabalho dos autores: “Change without change”). Com base no imediatamente acima referido, o grupo de fatores *tempo e modo verbal* compõe-se das seguintes variantes:

- i) presente do indicativo e do subjuntivo ((2.a) e (2.f));
- ii) pretérito imperfeito do indicativo e do subjuntivo ((2.b) e (2.g));
- iii) pretérito perfeito do indicativo ((2.c) e (2.h));
- iv) futuro do presente e do pretérito do indicativo e futuro do subjuntivo e infinitivo pessoal ((2.d), (2.i)), ((2.e) e (2.j)).<sup>2</sup>

- (2.a) *a gente* já **sai** de casa de, das, dos senhores fartas de trabalhar. [CRPC-839-7]
- (2.b) *a gente* **tava** trabalhando com as tartarugas marinhas [BDI-004-16]
- (2.c) tens de contar aquela vez, quando *a gente* **foi** jogar nos brejos [CRPC-236-19]
- (2.d) se *a gente* **de(i)xá(r) de fazê(r)** isso... o preconceito ainda vai existí(r) [BDI-016-13]
- (2.e) a mim causa-me dó é *a gente* **chegar** e **conseguir detectar** o problema [CRPC-836-9]
- (2.f) é muito importante que *nós* **tenhamos** união... a união da classe é muito importante, ainda mais se queremos alcançar algo [CRPC-144-11]
- (2.g) *nós* que atendemos um guichet damos a cara, é como se **estivéssemos** no écran da televisão, nós é que estamos ali, o programa é feito por outro [CRPC-426-25]
- (2.h) e depois nós casô(u)... *nós* **fugimo(s)** casamo(s)... teve uma vida muito difícil [BDI-059-25]
- (2.i) amanhã *nós* **estaremos in(d)o** pra lá ficaremos lá mais uns/ acho que uns dez dias [BDI-093-10]
- (2.j) oito meses antes... de *nós* **casarmos** nós m/ marcamo(s) com a nossa família [BDI-092-25]

### 3.3. SALIÊNCIA FÔNICA

No estudo da CV e nominal, *saliência fônica* é fator relevante na retenção de marcas de pluralidade no verbo e no predicativo. Os resultados demonstram que distintos graus de diferenciação entre formas em competição no processo de variação têm importância fundamental na seleção da forma preferida. Naro, Görski e Fernandes (1999) comprovam que maiores níveis de saliência entre as formas verbais levam a maiores frequências de uso da forma de 1PP, seja com sujeito *nós*, seja com sujeito *a gente*. À medida que o nível de saliência aumenta, a frequência de aplicação da desinência de 1PP também aumenta.

Considerando a síncope da vogal postônica em palavras proparoxítonas (LEMLE; NARO, 1977), Rodrigues (1987) e Coelho (2006) comprovam que os falantes de suas amostras tendem a evitar formas verbais proparoxítonas, que ocorrem com 1PP em alguns tempos verbais. Os resultados comprovam, nesses contextos, aplicação quase categórica da desinência de 3PS junto do pronome *nós* (RODRIGUES, 1987) ou a preferência acentuada pela forma *a gente*, com desinência de 3PS (COELHO, 2006).

Ante o exposto, baseados em Naro, Görski e Fernandes (1999) e em Rodrigues (1987), em relação ao grupo de fatores *saliência fônica*, propomos a seguinte divisão:

i) *saliência esdrúxula* - a forma de primeira pessoa do plural é proparoxítona e a oposição *vogal/vogal-mos* não é tônica nas duas formas. Ex. cantava/cantávamos, fazia/fazíamos, tivesse/tivéssemos ((3.a) e (3.e));<sup>3,4</sup>

ii) *saliência máxima* - ocorre mudança no radical e a oposição *vogal/vogal-mos* é tônica em uma ou duas formas. Ex.: *é/somos, fez/fizemos, veio/viemos* ((3.b) e (3.f));

iii) *saliência média* - ocorre uma semivogal na forma de terceira pessoa do singular que não ocorre na forma de primeira pessoa do plural e a oposição *vogal/vogal-mos* é tônica nas duas formas. Ex.: *comprou/compramos, foi/fomos, partiu/partimos, vai/vamos* ((3.c) e (3.g));

iv) *saliência mínima* - a oposição *vogal/vogal-mos* é tônica em uma ou nas duas formas, mas não há mudança no radical. Ex.: *assiste/assistimos, canta/cantamos, dá/damos, está/estamos, fazer/fazermos, faz/fazemos, lê/lemos, será/seremos, trouxe/trouxemos, tem/temos* ((3.d) e (3.h));

- (3.a) e a gente não **podia** [podíamos] saí(r) porque tinha que pagá(r) [BDI-024-5]
- (3.b) quando ao depois a gente **viemos** [veio] e arrelocamos... os homens [CRPC-1293-11]
- (3.c) ... a gente **ficô(u)** [ficamos] lá dançô::(u) tal conheceu um monte de gen::te elas tomaram su::co refrigerante tal [BDI-024-19]
- (3.d) sabes que a gente só **tem** [temos] jeito é para arranjar noivas aos outros [CRPC-122-25]
- (3.e) nós lá as **aconselhávamos** [aconselhava] a tirar as estrumeiras [CRPC-1009-9]
- (3.f) éh que nós **tivemos** [teve] assim éh uma família grande minha mãe teve bastante filhos [BDI-093-75]
- são os adubos que nós **pomos** [pôs], pelo menos cá na ilha de são Miguel
- (3.g) [CRPC-1092-9]
- (3.h) nós **temo(s)** [tem] que fazê(r) uma macumba pa matá(r) essa mulher [BDI-097-115]

### 3.4. PREENCHIMENTO DO SUJEITO

O controle do fator *preenchimento do sujeito* é proposto por se considerar que alguns tipos

de sujeitos podem levar a maior aplicação de marcas de 1PP nos verbos do que outros. Sujeitos não realizados foneticamente, ou seja, sujeitos desinenciais ou nulos podem levar a maior realização do morfema número-pessoal de plural nos verbos, pois passam a atuar como única forma de identificação da pessoa do discurso.

Bortoni-Ricardo (1985) verificou que sujeitos do tipo *nulo ou desinencial* influenciam positivamente a aplicação de marcas de 1PP nos verbos (84% de emprego de 1PP), se considerados em oposição a sujeitos explícitos (47% de emprego de 1PP). Rodrigues (1987) controlou a variável *realização do sujeito sintático*, com a consideração dos fatores *nós explícito, não-implícito* (sujeito nulo) e *sujeito não pronominal* (por exemplo, *eu e meu marido*). A ausência ou elipse do sujeito (sujeito oculto, cancelado, apagado, zero) ocasionou maior marcação desinencial de 1PP nos verbos. Nesse caso, segundo a autora, não há redundância na desinência verbal, como ocorre em orações com sujeito pronominal. A relação entre verbo e sujeito é estabelecida somente por meio da CV, o que “valida a hipótese de que sujeito oculto favorece o uso de formas verbais marcadas, ou aplicação da regra padrão” (RODRIGUES, 1987, p. 125).

As afirmações acima são pertinentes à CV de 1PP e de 3PP com a consideração da forma pronominal explícita ou não-explícita do pronome de 1PP *nós*. Cabe verificar se o mesmo princípio da manutenção da forma considerada padrão vale também para a forma pronominal *a gente*, que seria acompanhada de formas verbais de 3PS.

Se no caso do pronome *nós*, a desinência de 1PP favorece a desambiguação em relação às outras pessoas, para o pronome *a gente*, a forma de 3PS promoveria, em determinados contextos, a ambiguidade de referente, por ser forma padrão ou não-padrão verbal utilizada em junto de vasta gama de pronomes pessoais.

Diversos trabalhos de cunho variacionista já comprovaram a influência do preenchimento ou apagamento do sujeito na AP *nós* e *a gente* no PB (OMENA, 1986, 2003; LOPES, 1993, 1998; NARO; GÓRSKI; FERNANDES, 1999; MENDONÇA, 2010; dentre outros). Mais recentemente, Vianna (2011) comprovou, no fenômeno variável da AP de 1PP em amostras de fala do PE, a predominância de emprego da forma pronominal não-explícita padrão *nós* em posição de sujeito. Para a forma pronominal *a gente*, o emprego da forma não-preenchida praticamente não ocorreu, prevalecendo os casos de sujeito explícito.

Com base nessa discussão e na comprovação da importância da observação do preenchimento formal ou apagamento dos sujeitos de 1PP *nós* e *a gente*, propomos a investigação dos seguintes contextos em relação ao grupo *preenchimento do sujeito*.

- i) sujeito explícito na própria oração (4.a-c);
- ii) sujeito não-explícito ou desinencial (presente em contexto anterior) (4.b-d);

- (4.a) *nós* nos **conhecemos** na igre::ja ((risos)) num/ numa reunião de igreja que a gente ia tal  
[BDI-022-5]
- (4.b) aí nesse churrasco *nós* acabamo(s)... **ficamo(s)**... mas num **voltamo(s)**  
[CRPC-022-181]
- (4.c) *a gente dá* os catecismos às crianças, geralmente elas todas sabem ler  
[CRPC-022-3]
- (4.d) *a gente* que vem de fora aqui das redondezas e que é apreciado pelas pessoas  
[CRPC-067-5]

### 3.5. PARALELISMO FORMAL DE NÍVEL DISCURSIVO

O grupo *paralelismo formal de nível discursivo* também se revela importante grupo de fatores a ser investigado no estudo da CV. Segundo Scherre (1998, p. 35), pelo princípio do paralelismo linguístico discursivo:

verbo precedente – referente ao mesmo sujeito ou a sujeito do mesmo campo semântico – com variante explícita favorece verbo subsequente igualmente marcado, enquanto verbo com variante zero favorece verbo com variante zero. (SCHERRE, 1998, p. 35)

A repetição de marcas no plano discursivo pode se dar também entre sujeitos de diferentes cláusulas, conforme afirma Scherre (1998, p. 35):

SN precedente – idêntico ou do mesmo campo semântico – com todas as variantes explícitas favorece SN subsequente igualmente marcado, enquanto SN que apresenta pelo menos uma variante zero favorece SN subsequente com pelo menos uma variante zero. (SCHERRE, 1998, p. 35)

Omena (1996), Lopes (1993, 1998, 2003), Mendonça (2010) e Vianna (2011), dentre outros, analisaram o princípio do paralelismo discursivo para a AP *nós* e *a gente* e confirmaram que o pronome que inicia uma série de cláusulas tende a ser usado também nas demais cláusulas, ou seja, se a forma pronominal *a gente* ou a forma pronominal *nós* é empregada na primeira cláusula de uma série, há uma tendência de que as próximas cláusulas apresentem também a mesma forma pronominal antecedente. Assim, para a CV, a expectativa é de que os contextos em que os verbos anteriores são marcados com o plural favoreçam a marcação de plural nos verbos posteriores e, para a AP, a hipótese é de que haja a repetição das mesmas formas pronominais ou verbais (no caso de sujeitos desinenciais) em uma série de cláusulas com mesmo referente.

Com base na ampla discussão apresentada em Scherre (1998), a respeito da relevância do princípio do paralelismo linguístico em fenômenos variáveis, a hipótese a ser investigada para o grupo de fatores na CV de 1PP é a de que formas verbais precedidas de formas verbais com desinência de 1PP tenderiam a apresentar maior frequência de marcas de plural do que formas verbais precedidas de formas com desinência de 3PS. Ressaltamos, de antemão, que os princípios apresentados referem-se a estudos realizados com a consideração da forma pronominal *nós*. É importante verificar se o mesmo princípio se aplica à CV com a forma *a gente*. Para essa variável, consideramos, então, as seguintes variantes:

- i. forma verbal com desinência de 1PP na oração anterior (5.a);
- ii. forma verbal com desinência de 3PS na oração anterior (5.b);
- iii. forma verbal isolada ou primeira de uma série (5.c).

- (5.a) *nós* **tínhamos**... costura e **aprendemos** as coisas direitinho [BDI-151-85]  
(5.b) *a gente* **aborrece-se**, e ao depois ainda **espanqueia** e vai-se para a cama chateado [CRPC-839-81]  
(5.c) ora *a gente* não **temos** um pára-brisas, nem temos nada, aquilo ali é aguentar o pacote [CRPC-1643]

Para a investigação da influência do paralelismo discursivo na AP, com base em Lopes (1998), em Mendonça (2010) e em Vianna (2011), apresentamos as seguintes variantes a serem consideradas:

- i. forma isolada ou primeira de uma série (6.a-b);
- ii. forma precedida de *nós* explícito (6.c);
- iii. forma precedida de verbo em 1PP (sujeito desinencial) (6.d);
- iv. forma precedida de *a gente* explícito (6.e);
- v. forma precedida de verbo em 3PS (sujeito desinencial) (6.f).

- (6.a) **a gente**::... poderia começá(r) a tê(r) uma educação... agora você/ eu comparo assim o Estado de São Paulo com o Estado do Paraná... a educação do Estado do Paraná é formidável... as pessoas não jogam lixo na rua  
 [BDI-035-515]
- (6.b) **nós** somos condicionados sub e inconscientemente, não é, de maneira que lá temos o instinto da conservação da espécie a, a, a limar todos esses pruridos de ordem moral que a gente possa ter (...) é verdade.  
 [CRPC-218-40]
- (6.c) egoísmo porque não havendo possibilidade de os consultar, automaticamente deixa de ser egoísmo porque não há... seria egoísmo se **nós** realmente tivéssemos possibilidades de os consultar e não o **fizéssemos**  
 [CRPC-218-20]
- (6.d) aí nós fomo(s) lá na casa da colega dela que era super LONge... **fomo(s)** lá **buscamos(s)** o aparelho  
 [BDI-035-32]
- (6.e) pra chegá(r) lá na praia demora que é a praia de Sa::ntos... e:: é muito cansativo a viagem... mas vale a pena porque lá tem... a:: quando *a gente* chegô(u) lá e **a gente** ficô(u) numa colônia... que era bem grande era um prédio de dez andares  
 [BDI-037-230]
- (6.f) vai para casa, vai é lavar roupa e é limpar a casa e é fazer comer, ao depois é os filhos para, a, a, chatear por um lado e é outro a chatear por outro, ao depois a gente aborrece-se, e ao depois ainda **espanqueia** e **vai-se** para a cama chateado, a assim prontos  
 [CRPC-839-20]

Após a apresentação dos contextos que podem influenciar a AP e a CV relacionadas à 1PP do discurso, propomos um quadro com os fatores linguísticos e as respectivas variantes a serem investigadas para cada um dos fenômenos variáveis.

Concordância verbal e alternância pronominal de primeira pessoa do plural		
Variáveis	Variantes	
<b>Preenchimento do sujeito</b>	sujeito explícito na própria oração; sujeito não-explícito ou desinencial (presente em contexto anterior);	
<b>grau de determinação do referente sujeito</b>	genérico e indefinido; genérico e definido; específico e definido	
<b>tempo e modo verbal</b>	presente do indicativo e subjuntivo; pretérito imperfeito do indicativo e do subjuntivo; pretérito perfeito do indicativo; futuro do presente e do pretérito do indicativo e futuro do subjuntivo; outros tempos verbais	
<b>Saliência fônica verbal</b>	esdrúxula; máxima; média; mínima	
<b>Paralelismo linguístico de nível discursivo</b>	<b>concordância verbal</b>	forma verbal com desinência de primeira pessoa do plural em oração anterior; forma verbal com desinência de primeira pessoa do singular em oração anterior; forma verbal isolada ou primeira de uma série
	<b>alternância pronominal</b>	forma isolada ou primeira de uma série; forma precedida de <i>nós</i> explícito; forma precedida de verbo em primeira pessoa do plural (sujeito desinencial); forma precedida de <i>a gente</i> explícito; forma precedida de verbo em terceira pessoa do singular (sujeito desinencial).

Quadro 1: Fatores linguísticos formais e funcionais considerados na concordância verbal e na alternância pronominal de primeira pessoa do plural

Conforme se pode constatar no quadro acima, para a AP *nós* e *a gente* e para a CV com o pronome *nós* e com o pronome *a gente*, serão considerados cinco grupos de fatores linguísticos, *preenchimento do sujeito*, *grau de determinação do referente sujeito*, *tempo e modo verbal*, *saliência fônica* e *paralelismo linguístico discursivo*. Desse total, dois deles possuem natureza funcional: *grau de determinação do referente sujeito* e *tempo e modo verbal*; e três, natureza formal: *saliência fônica verbal*, *preenchimento do sujeito* e *paralelismo linguístico de nível discursivo*.

#### 4. QUADRO COMPARATIVO DE VARIÁVEIS

O comparativo proposto neste trabalho tem como objetivo apontar a inter-relação entre os fatores linguísticos de ordem formal e funcional e sua relevância nos fenômenos variáveis abarcados. Com base neste objetivo específico, não trataremos pormenorizadamente dos resultados específicos para cada um dos fatores dos grupos. Da mesma forma, não serão apresentadas e analisadas as variáveis extralinguísticas consideradas na pesquisa. A discussão proposta tem como base os resultados evidenciados na pesquisa de Rubio (2012).

#### 4.1. ALTERNÂNCIA PRONOMINAL NÓS X A GENTE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E NO PORTUGUÊS EUROPEU

Para a AP, nos *corpora* do PE (português europeu) e do PB (português brasileiro), foi analisado um total de 2.649 ocorrências das formas pronominais *nós* e *a gente* explícitas (plenas) e não-implícitas (desinenciais ou nulas), sendo 476 ocorrências do PE e 2.173 do PB. Dos 476 casos observados no PE, 200 ocorrências são do pronome *a gente* (149 ocorrências da forma explícita e 51 da forma não-implícita) e 276 do pronome *nós* (185 ocorrências da forma explícita e 91 da forma não-implícita). Para o PB, do total de 2.173 ocorrências, 1.603 casos são da forma pronominal *a gente* (1.413 ocorrências do pronome explícito e 190 do pronome não-implícito) e 570 da forma pronominal *nós* (477 casos de *nós* explícito e 93 casos de *nós* não-implícito). A seguir a tabela com os percentuais de distribuição das ocorrências.

VARIEDADE	NÓS		A GENTE		TOTAL
PB – IBORUNA	26,2% (570)		73,8% (1.603)		100% (2.173)
SUJEITO PRONOMINAL	explícito 83,7% (477)	não-implícito 16,3% (93)	Explícito 88,1% (1.413)	não-implícito 11,9% (190)	
PE – CRPC	58% (276)		42% (200)		100% (476)
SUJEITO PRONOMINAL	explícito 67% (185)	não-implícito 33% (91)	Explícito 74,5% (149)	não-implícito 25,5% (51)	

Tabela 1: Alternância pronominal de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente* no português brasileiro do interior paulista e no português europeu

Os resultados apontam que a forma inovadora *a gente* predomina sobre a forma pronominal conservadora *nós* nos dados do PB, com percentual de uso de 73,8%. Ao considerarmos, porém, as frequências obtidas para amostras do PE, podemos verificar o predomínio da forma padrão *nós* sobre a forma não-padrão *a gente* (58% e 42%, respectivamente).

Além de as variedades do português aqui em análise apresentarem percentuais gerais discrepantes em relação à AP de 1PP, diferentes variáveis linguísticas e sociais em diferentes ordens de relevância demon

Variáveis		Fenômeno	<i>Nós x A gente</i> português do interior paulista – IBORUNA	<i>Nós x A gente</i> português europeu – CRPC
Linguísticas	paralelismo linguístico discursivo		1º	1º
	Saliência fônica verbal		2º	não selecionado
	Grau de determinação do sujeito		5º	não selecionado
	Tempo e modo verbal		6º	não selecionado
	preenchimento do sujeito		não selecionado	não selecionado
Sociais	Escolaridade		4º	2º
	Faixa etária		3º	não selecionado
	Gênero		não selecionado	3º

Quadro 2: Ordem de seleção dos grupos de fatores considerados para os fenômenos de alternância pronominal de primeira pessoa do plural no português europeu e no português brasileiro do interior paulista

É possível observar, no quadro, que, dentre as variáveis linguísticas, apenas *paralelismo linguístico discursivo* foi selecionado para os dois *corpora*. *Saliência fônica verbal*, *grau de determinação do sujeito* e *tempo e modo verbal* foram selecionados apenas para a amostra do PB do interior paulista (em 2º, em 5º e em 6º lugares, respectivamente). O grupo de fatores *preenchimento do sujeito*, que controla os contextos de sujeito explícito e de sujeito não-implícito,

foi o único não selecionado pelo programa *GOLDVARB*, para ambos os *corpora*, o que revela que esta variável funcional possui pouco peso no processo de AP nas amostras consideradas.

A partir dos resultados apresentados no quadro 2, um primeiro julgamento acerca desse estudo da AP de 1PP é o de que, para o PB, é forte a atuação tanto de variáveis linguísticas quanto sociais, ao passo que, para o PE, atuam mais fortemente variáveis sociais do que linguísticas.

A observação específica dos fatores linguísticos considerados revela, ainda, que, para a variedade brasileira, tanto fatores de natureza formal como funcional atuam no processo. Ainda que dois fatores de natureza formal tenham se revelado os mais atuantes (*paralelismo linguístico discursivo* e *saliência fônica*), o fator *preenchimento do sujeito*, também de ordem formal, não foi selecionado. Há ainda, para a variedade do PB, a atuação dos fatores funcionais *grau de determinação do sujeito* e *tempo e modo verbal*.

Para a amostra do português de Portugal, um único fator linguístico de ordem formal foi apontado como relevante, o *paralelismo linguístico discursivo*, o que revela que, ainda que o fenômeno esteja presente nas duas variedades, possui características bastante divergentes. Passamos a tratar, na sequência, da atuação dos fatores linguísticos na CV.

## 4.2. CONCORDÂNCIA VERBAL DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E NO PORTUGUÊS EUROPEU

Após a observação e análise da atuação dos fatores linguísticos no fenômeno da AP de 1PP nas amostras do PE e do PB, passamos a tratar de dois outros fenômenos relacionados à 1PP, a CV variável junto do pronome *nós* e a CV variável junto do pronome *a gente*. A seguir, apresentamos os resultados gerais para esses processos de variação.

PRONOME VARIEDADE	NÓS		A GENTE	
	1PP	3PS	1PP	3PS
PB	85,5% (488/570)	14,5% (82/570)	6% (98/1603)	94% (1505/1603)
PE	100% (276/276)	-	24,5% (49/200)	75,5% (151/200)

Tabela 2: Concordância verbal de primeira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu

No PB, evidencia-se uma frequência considerável de uso de formas verbais de 3PS junto do pronome *nós* (14,5%), enquanto no PE o uso de formas verbais de 3PS não ocorre nesse contexto, sendo categórica a regra de uso de 1PP (ao menos nas amostras consideradas).

Ao considerarmos, porém, a CV com o pronome *a gente*, os resultados demonstram haver maior variação na variedade lusitana do que na brasileira. O uso de formas verbais em 3PS junto da forma pronominal *a gente* foi de 94% no PB e de 75,5% no PE, ou seja, o emprego de 1PP com *a gente* é quase 20% maior nas amostras de Portugal.

Sendo assim, a variedade do PE do CRPC, a qual não apresentou fenômeno variável relacionado à CV com o pronome *nós*; em relação à CV com *a gente*, apresenta a maior frequência de emprego de formas verbais de 1PP, atestando o fenômeno, ao menos nas amostras consideradas, como efetivamente variável. Além disso, a frequência de emprego da forma inovadora (e não-padrão) observada na CV com *a gente* no PE do CRPC (24,5% de 1PP) é maior do que a frequência de emprego da forma inovadora (e não-padrão) observada na CV com *nós* no PB do interior paulista (14,5% de 3PS).

Considerando as diferentes características dos fenômenos variáveis das comunidades consideradas, apresentamos, no quadro que se segue, a ordem de seleção dos fatores sociais e linguísticos instanciadores do processo de variação.

Fatores		Fenômeno	CV com <i>nós</i> PB	CV com <i>a gente</i> PB	CV com <i>a gente</i> PE
Linguísti- cos		<b>preenchimento do sujeito</b>	5°	4°	1°
		<b>Paralelismo discursivo</b>	4°	1°	não selecionado
		<b>Saliência fônica verbal</b>	2°	2°	não selecionado
		<b>Tempo e modo verbal</b>	não selecionado	não selecionado	2°
		<b>Grau de det. do sujeito</b>	não selecionado	3°	não selecionado
So- ciais		<b>Gênero</b>	não selecionado	não selecionado	3°
		<b>Faixa etária</b>	3°	5°	4°
		<b>Escolaridade</b>	1°	não selecionado	5°

Quadro 3: Ordem de seleção dos fatores considerados para os fenômenos de concordância verbal de primeira pessoa do plural no português brasileiro do interior paulista e no português europeu

A seleção das variáveis exibida acima, associada à CV invariável com o pronome *nós* no PE, justifica a consideração dos casos de possíveis variações em relação à CV de 1PP de forma individual, visto cada um dos fenômenos variáveis ter apresentado diferentes ordens de seleção dos fatores e diferentes fatores relevantes no processo de variação.

Para a CV com o pronome *nós* no PB do interior paulista, por exemplo, destaca-se a relevância de dois, dos três fatores sociais considerados, inclusive com a seleção da escolaridade como mais relevante no fenômeno. A observação da seleção proposta para a CV com o pronome *a gente* para essa mesma variedade, entretanto, mostra-se pouco influenciada por grupos de fatores sociais, já que apenas a *faixa etária* foi selecionada e, diga-se, como última na ordem de relevância. Para esse fenômeno, vemos a forte influência de grupos de fatores linguísticos, com a seleção de quatro, dos cinco considerados.

O fenômeno da CV com *a gente* no PE se mostrou suscetível a todos os grupos de fatores sociais e a apenas alguns grupos de fatores linguísticos, todavia, esses foram selecionados em primeiro e segundo lugares, pelo critério de relevância estabelecido pelo programa estatístico *GOLDVARB*.

Respeitante às variáveis consideradas, destaque deve ser dado a *preenchimento do sujeito* e *faixa etária*, selecionados para os fenômenos variáveis nas duas variedades. Em atenção à atuação do grupo *saliência fônica*, a importância verificada por sua seleção, como segundo mais importante para a CV com *nós* e com *a gente* no PB, não se atestou no PE, porquanto não foi selecionado. Em oposição a esse fato, houve a seleção do grupo *tempo e modo verbal* apenas no fenômeno variável do PE.

A observação dos fatores linguísticos atuantes na CV com *nós* no PB aponta que o fenômeno está sujeito somente a atuação de variáveis internas de natureza formal, pois foram selecionados apenas os grupos *preenchimento do sujeito*, *paralelismo discursivo* e *saliência fônica*. Para o fenômeno variável de CV com *a gente* no PB, além dos fatores de natureza formal, houve a seleção do fator funcional *grau de determinação do sujeito*. O mesmo fenômeno no PE revelou-se sujeito à atuação de um fator funcional e um formal, com configuração diferente da variedade brasileira.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apontam que, nos fenômenos investigados, há diferentes motivações internas para a variação linguística, com a atuação de fatores de natureza formal, como os grupos *paralelismo discursivo*, *saliência fônica* e *preenchimento do sujeito*, e de natureza funcional, como *determinação do sujeito* e *tempo e modo verbal*. A relevância maior ou menor dos grupos de fatores das diferentes naturezas irá depender da variedade linguística e também do fenômeno investigado, como podemos observar no quadro resumo abaixo:

VARIEDADE FENÔMENOS	PB - BANCO DE DADOS IBORUNA	PE - CORPUS DE REFERÊNCIA
	COMPORTAMENTO / VARIÁVEIS ATUANTES	COMPORTAMENTO / VARIÁVEIS ATUANTES
ALTERNÂNCIA PRONOMINAL DE 1ª PESSOA DO PLURAL	<b>Variável</b>	<b>variável</b>
	<b>paralelismo discursivo</b> > <b>saliência fônica</b> > <b>grau de</b> <b>determinação do sujeito</b> > <b>tempo</b> <b>e modo verbal</b> > escolaridade > faixa etária.	<b>paralelismo discursivo</b> > escolaridade > gênero.
CONCORDÂNCIA VERBAL COM NÓS	<b>Variável</b>	<b>categórica</b>
	<b>saliência fônica</b> > <b>paralelismo</b> <b>discursivo</b> > <b>preenchimento do</b> <b>sujeito</b> > escolaridade > faixa etária.	
CONCORDÂNCIA VERBAL COM A GENTE	<b>Semicategórica</b>	<b>variável</b>
	<b>paralelismo discursivo</b> > <b>saliência fônica</b> > <b>grau de</b> <b>determinação do sujeito</b> > <b>preenchimento do sujeito</b> > faixa etária.	<b>preenchimento do sujeito</b> > <b>tempo e modo verbal</b> > gênero > faixa etária > escolaridade.

Quadro 4: Características dos fenômenos relacionados à concordância verbal no português brasileiro do interior paulista e no português europeu

Como se observa, na AP do PB, em ordem de relevância, temos dois fatores formais (*paralelismo discursivo* e *saliência fônica*) e dois funcionais (*grau de determinação do sujeito* e *tempo e modo verbal*). Na AP do PE, apenas o fator linguístico formal *paralelismo discursivo* destaca-se como relevante.

Quando analisamos a CV com *nós* no PB, por outro lado, é notória a relevância, no fenômeno, de grupos de natureza formal, com *saliência fônica*, *paralelismo discursivo* e *preenchimento do sujeito* revelando-se, respectivamente, o primeiro, segundo e terceiro grupos mais atuantes no processo.

Para a CV com *a gente*, ainda que houvesse o predomínio de grupos de natureza formal em ambas as variedades, é possível verificar a atuação de variáveis funcionais, como *grau de determinação do sujeito* (no PB) e *tempo e modo verbal* (no PE).

Essas constatações sobre os diferentes graus de relevância de fatores de ordem funcional e formal reforçam a importância da conciliação entre as interfaces da Sociolinguística e do Funcionalismo, como propõe o Sociofuncionalismo, o que, sobremaneira, permite uma abordagem mais ampla e completa dos fenômenos variáveis, que possuem diferentes caracterizações a depender dos diferentes estágios e das comunidades em que se encontram.

## REFERÊNCIAS

- BACELAR DO NASCIMENTO, M. F. Corpus de Référence du Portugais Contemporain. In: BILGER, M. (ed.) Corpus, Méthodologie et Applications Linguistiques, Paris, H. Champion et Presses Universitaires de Perpignan, 2000, p. 25-30.
- BORTONI-RICARDO, S.M. The urbanization of rural dialect speakers—a sociolinguistic study in Brazil. University Press: Cambridge, 1985.
- CEZARIO, M. M.; MARQUES, P. M.; ABRAÇADO, J. Sociofuncionalismo. MOLLICA, M. C. FERRAREZI JR, C. Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2016.
- COELHO, R. É nós na fita! Duas variáveis linguísticas numa vizinhança da periferia paulistana. 2006. 175f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2006.
- COSTA, J.; MOURA, D.; PEREIRA, S. Concordância com *a gente*: um problema para a teoria de verificação de traços. Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, 2001.

- FERNANDES, E.; GORSKI, E. A concordância verbal com os sujeitos *nós e a gente*: um mecanismo do discurso em mudança. Actas do Simpósio sobre a Diversidade Linguística no Brasil. Salvador: Instituto de Letras da UFBA, 1986, 175-183.
- GONÇALVES, S. C. L. G. O português falado na região de São José do Rio Preto: constituição de um banco de dados anotado para o seu estudo. Relatório científico parcial III apresentado à FAPESP. 2007. Disponível em: <http://www.iboruna.ibilce.unesp.br/histórico/relatorio3>. Acesso em 22 junho 2011.
- HOPPER, P. On Some Principles of Gramaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (orgs.) Approaches to Gramaticalization. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p. 17-36.
- LABOV, W. Some Sociolinguistic Principles. In: PAULSTON, Christina B & TUCKER, G. Richard. Sociolinguistics. The Essential Readings. Oxford/New York: B.Blackwell, 2003, pp. 234-250
- LEMLE, M.; NARO, A J. Competências básicas do Português. Rio de Janeiro: Mobral/Fundação Ford, 1977.
- LOPES, C. R. S. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. 1993. 189 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – UFRJ, Rio de Janeiro, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Nós e a gente* no português falado culto do Brasil. DELTA, vol.14,n.2,São Paulo,1998.
- \_\_\_\_\_. A inserção de *a gente* no quadro pronominal do português: percurso histórico. 1999. 181f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – UFRJ, Rio de Janeiro, 1999.
- \_\_\_\_\_. A inserção de “*a gente*” no quadro pronominal do português. Madrid: Iberoamericana, 2003.
- MENDONÇA, A. K. Nós e a gente em Vitória: análise sociolinguística da fala capixaba. 2010. 100f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Pós-graduação em Estudos Linguísticos do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.
- NARO, A. J.; GÖRSKI, E.; FERNANDES, E. Change without change. Language Variation and Change, v. 11, n. 2, 1999, p. 197-211.
- NEVES, Maria Helena de Moura. Gramática de usos do português. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.
- OMENA, N. P. As influências sociais na variação entre *nós e a gente* na função de sujeito. In: OLIVEIRA e SILVA, G. M.; SCHERRE, M.M.P. Padrões sociolinguísticos. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 309-323.
- \_\_\_\_\_. A referência variável da primeira pessoa do discurso no Plural. In: NARO, A. J. *et al.*: Relatório Final de Pesquisa: Projeto Subsídios do Projeto Censo à Educação, Rio de Janeiro, UFRJ, 1986, p.286-319
- \_\_\_\_\_. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In: PAIVA, M. de C.; DUARTE, M. E. L. (orgs.) Mudança linguística em tempo real. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.
- OMENA, N.P.; BRAGA, M.L. A gente está se gramaticalizando? In: MACEDO, A. T.; RONCARATI, C.; MOLLICA, M.C. (orgs.) Variação e discurso. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 75-84.
- PAIVA, M. C., DUARTE, M. E. L. Quarenta anos depois: a herança de um programa na sociolinguística brasileira. In: WEINREICH, U., LABOV, W., HERZOG, M. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 16-43.
- PEREIRA, S.M.B. Gramática Comparada de *a gente*: variação no Português Europeu. 2003. 100f. Dissertação (Mestrado em Gramática Comparada) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2003.
- PERINI, M. A. Gramática do Português Brasileiro. São Paulo: Parábola, 2010.
- RODRIGUES, A.C.S. A concordância verbal no português popular em São Paulo. 1987. 189 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 1987.
- RUBIO, C. F. Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro

- e no português europeu: estudo sociolinguístico comparativo. São Paulo: Cultura acadêmica, 2012.
- SCHERRE, M. M. P. Paralelismo linguístico. Revista Estudos Linguísticos, Belo Horizonte, MG, v. 7, n. 2, p. 29-59, 1998.
- TARALLO, F. A pesquisa sócio-linguística. São Paulo: Ática, 1991.
- VIANNA, J.B.S. A concordância de nós e a gente em estruturas predicativas na fala e na escrita carioca. 2006. 109f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- \_\_\_\_\_. Semelhanças e diferenças na implementação de a gente em variedades do português. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- ZILLES, A. M. S. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente? Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 42, n. 2, 2007, p.27-44.
- \_\_\_\_\_. The development of a new pronoun: the linguistic and social embedding of *a gente* in Brazilian Portuguese. Language Variation and Change, v.17, n.1, 2005, p.19-53.
- \_\_\_\_\_. Grammaticalization of *a gente* as a cluster of changes: evidence from apparent and real time studies. Fórum Linguístico, Florianópolis, v.4, n.1, 2004, p. 13-46.
- WEINREICH, U., LABOV, W., HERZOG, M. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

## NOTAS

- 1 Devido à baixíssima frequência de alguns tempos verbais (menos de 3%), optamos por amalgamá-los no fator *futuro do presente e do pretérito do indicativo e futuro do subjuntivo e infinitivo pessoal*.
- 2 Nas ocorrências, apresenta-se em destaque a forma empregada pelo falante e, entre colchetes, a forma concorrente no processo de variação.
- 3 *Esdrúxulo* tem como sinônimo *esquisito, extravagante, excêntrico*; além desses, apresenta também como sinônimo (em desuso no PB, mas empregado no ensino em África) *proparoxítono*, acepções que nos levaram à denominação dessa categoria de saliência.